

**FOI ASSIM QUE
ACONTECEU HELENA TRIARTE+IVÁN RICKENMANN**

AMOSTRA

Tradução por Rafael de Oliveira

TORDSILHAS

Rio de Janeiro, 2024

DUROU APENAS UM INSTANTE,

QUANDO O BATER DAS ASAS DE

UM PÁSSARO ROMPEU O SILÊNCIO

AMOSTRA

e isso me moveu da letargia em que minha alma estava imersa. Em vão busquei suas asas ou seu voo ao meu redor, mas ele havia escapado. E, no vidro da janela, opaco de poeira, só avistei a indolência dos meus olhos testemunhando o limite das horas que algum deus inimigo desenrolava, o medo de recomeçar, a insensatez dos dias que se acumularam, estéreis como a minha frustração e o meu cansaço.

Lentamente, como se precisasse remover o que estava no meu caminho, fitei o pôr do sol. Parecia uma imensa folha de papel onde as nuvens desenhavam animais fabulosos que, apesar de sua figura ameaçadora, num instante eram desfeitos pelo vento ou transformados em um borrão de luz e cor num céu que já começava a escurecer.

Então, enquanto eu aguardava algum sinal, o anjo veio me ajudar e, com as pontas das asas, limpou o lado da minha mente abarrotado de quinquilharias e sugeriu que eu atravessasse o pátio e destrancasse um dos quartos que

estão trancados, sabe-se lá desde quando. Talvez ali ele pudesse encontrar algo esquecido e aparentemente impossível de ser encontrado. *No entanto, não sei se vale a pena procurar entre tantas coisas antigas*, pensei... mas não importa, talvez eu encontre um daqueles brinquedos que eram meus quando eu era criança. Aqui tenho o molho de chaves e se alguma das fechaduras ainda funcionar, posso entrar em um daqueles quartos, o mais próximo da sala e que talvez guarde o tesouro que os irmãos egoístas buscaram em vão e que só o mais novo encontrou. Pois a senhora a quem ele ofertou um lanche era uma fada madrinha que lhe mostrou o caminho para recuperar o que os gênios do tempo perdido ali haviam escondido.

A CHAVE GIRA FACILMENTE e a porta se abre como se o pino que a prendia tivesse desaparecido...

E quando eu a empurro, algo estranho me impede. Não vejo caixas nem baús, não sinto cheiro de mofo e o quarto, que agora parece muito espaçoso, ilumina-se aos poucos. Sinto-me um pouco tonta e suspeito que acabei de entrar em um lugar desconhecido... talvez um teatro? Nesse caso, devo encontrar um assento e aguardar. Como se percebesse a minha confusão, uma jovem se aproxima e me entrega a programação do espetáculo que, como ela me diz, começará em breve. Não consigo ler o nome do diretor, da peça, do local, tampouco dos atores, posto que me esqueci de trazer os

óculos. Então, enquanto tento entender, o terceiro sinal toca, o ambiente escurece e a cortina sobe lentamente.

E como se tivesse pulado amarelinha de olhos fechados, encontro-me em outro espaço que começo a reconhecer: é a minha rua de paralelepípedos, do jeitinho que me recordo, aquela que só ficou intacta na minha memória, mas é a minha casa, a mesma de sempre. Estou correndo, sem pisar na linha, e, quando chego, fico na ponta dos pés para alcançar a aldrava, desejando que abram rápido porque quero urinar. E, enquanto espero, a jovem na entrada me avisa que devo guardar a senha, para que durante o intervalo ninguém ocupe o assento que me foi reservado: plateia, primeira fileira, assento 12.

Então ouço o grito: “Já vou... estou indo” e o som dos chinelos de Otília cessam enfim, o ferrolho desliza e eu corro para dentro.

Agora, encontro-me na cozinha, comendo o chocolate das onze e ouvindo sua história inacabada e da qual não me recordo mais, porque ela sempre misturou histórias e lendas de sua cidade com o que ela inventava e jurava de dedinho que ocorreram conforme sua descrição, porque ela ou a madrinha havia visto, e eu continuei acreditando até agora na veracidade dos fatos. Por isso, muitas vezes confundo a senhora que vem pedir sobras para seus animais com aquela bruxa que se irritava quando não encontrava um espelho para arrumar o chapéu antes de sair para passear pelos telhados.

Embora não me veja de frente e não saiba se era mais alta ou mais baixa, reconheço-me pelo avental que, por anos, vestia ao chegar da escola, para não sujar o uniforme.

Parece que é aquela tarde que fica marcada na memória. Otília está ocupada arrumando a mesa, quando a porta se abre e uma jovem entra na sala de jantar, movimentando-se como se chegasse ao salão principal, onde iniciará o baile.

— É Teresa — diz mamãe, com um sorriso recém-inventado —, ela vai morar conosco e vocês vão se amar como se fossem irmãs.

Mamãe olha para Teresa e para mim, esperando a confirmação do que foi dito, ou talvez do que ela esperasse que diríamos. Mas Teresa não disse nada, e eu, quando vejo o seu gesto desdenhoso, percebo, como se o anjo me dissesse ao pé do ouvido, que o mau tempo vai chegar e se espalhar daqui para o mar ou para além. Assim foi. Mas isso poderá ser visto mais tarde, em outra cena.

Naquela época, foi determinado que era hora de deixar a educação infantil e ingressar na escola. Então lá vou eu, de uniforme e mãos dadas com meus pais, numa segunda-feira de fevereiro... Estou sentindo um pouco de medo, mas quando me perguntam qual é o meu nome, respondo com muita segurança: “Parece que meu nome é tão feio que ninguém lá em casa me diz, então você também pode me chamar de Charito ou Charo quando for me dar uma bronca.” As freiras riram e daquele dia em diante fui feliz e passei a ser chamada de Charito.

Encontro-me no estúdio, talvez fazendo a lição de casa. Às vezes a chuva usurpa a minha atenção, mas nada comparado a Teresa, que, seguida por mamãe e meu irmão, entra feito uma tempestade, acusando-me entre insultos e berros, de algo que não entendo. Desconheço o motivo da reclamação e a alegação, talvez porque, com o passar dos anos, eu tenha perdido um pouco a audição e, somado a isso, o palco está longe de onde estou sentada. Ela grita e recordo que peguei seus brincos... meu irmão até tenta me defender, mas, aparentemente apaixonado, defende-me sem afinco e mamãe não consegue acalmá-la. Nego repetidas vezes, frisando que não peguei nada, que odeio os brincos e começo a chorar, mas eles não prestam atenção em mim, talvez porque ainda sou pequena e os gritos de Teresa não os deixam ouvir o som da chuva, muito menos o que eu digo.

Os espectadores contemplam em silêncio, sinto uma vontade imensa de subir ao palco, mas não posso, não tenho permissão para intervir ou modificar nada do que acontece, ou do que já aconteceu? Não sei, mas sei ou me lembro de sentir medo, talvez porque não entendia e porque diante daquela forma de violência que é o grito, o medo sempre me confundiu.

Tento me levantar, mas uma funcionária me informa que devo permanecer sentada para não incomodar os outros, e uma mulher na última fileira toca o meu ombro e me diz, quase ao pé do ouvido, para não me preocupar com o

que estamos vendo, pois é assim que acontece quando somos pequenos.

Ainda que os gritos se avolumem e afinem como um ioiô, os espectadores não comentam, apenas assistem ao que está acontecendo, ou ao que já aconteceu? E questiono-me: o que acontecerá após a agitação cessar? Não me recordo e fico aguardando, quase sem piscar, porque esqueci o roteiro ou talvez não tenha ficado muito claro, e agora talvez seja tarde para perguntar; além disso, não há ninguém para me explicar, porque somos espectadores. Basta olhar atentamente e tentar perceber o antes e o depois, quando Teresa causou rebuliço ou algo para me mortificar e, no final, com um sorriso falso, porque ela nunca sorria realmente, disse-me com voz zombeteira: “você pediu”. Eu não sabia o que isso significava, porque ela mal tinha completado onze anos, mas, pelo que disseram, já tinha mais de dezessete.

Agora só me importa assistir atentamente ao que vem a seguir. Talvez eu possa modificar algo, considero. A senhora do banco de trás, no entanto, esclarece em voz baixa que não, que tudo a que assistirmos permanecerá intocável àquela distância do que já aconteceu; mas o que é possível, acrescenta, é ver a situação sob outra perspectiva. Não compreendo muito bem, mas assinto e penso que gostaria que alguém me ajudasse a entender o roteiro ou saber por que foi escrito assim; acho que isso é permitido e me proporcionaria tranquilidade; mas não estou certa se algum parente ou amigo daquela época veio cumprir essa função. Além disso,

quem viveu essa história já partiu; porém, pode ser que esta noite, quando tantas coisas que eu considerava esquecidas comecem a sacudir a poeira e a ganhar vida diante de nós, alguém se aproxime de mim porque também almeja recordar. Busco sorratamente entre os espectadores um rosto conhecido, mas não o encontro; então me questiono: por que esses estranhos vieram assistir a uma história que supostamente diz respeito apenas a mim?

Teresa continua afirmando e repetindo que sou ladra; até que, de repente, como se resgatasse um descarte da memória, começo a lembrar... avistei os brincos deixados no sofá da sala e sucumbi ao desejo de olhar aquelas pedras vermelhas brilhantes; estendi a mão cuidadosamente e peguei um e depois o outro para colocá-los; mas o espelho estava longe e quando ouvi que alguém caminhava pelo corredor, joguei os brincos que devem ter caído sabe-se lá onde e, aproveitando que os passos haviam se afastado, fugi e esqueci ou abdiquei da memória, porque “nossa mente é porosa para o esquecimento”, segundo Borges. Então, viro-me para procurar aquele rosto querido entre os espectadores, porque talvez ele também queira participar desta performance.

Mudança de cena. Teresa está encolhida ao lado da minha caixa de brinquedos, então os pega, um por um, olha-os furiosa e, como se eles entendessem, lança-lhes palavras ameaçadoras que não consigo ouvir agora, ela os atira violentamente contra o chão. A minha boneca, aquela que sempre ficava na minha cama e se chamava Lalará, tem os

braços e as pernas arrancados, em seguida, Teresa sai do quarto na ponta dos pés.

É noite e há uma lâmpada forte no palco. Papai está apoiado na mesa, há fios e pinças com os quais ele reconecta as pernas e os braços ao tronco da boneca, que está muito imóvel e aparentemente sorridente porque parece o dia em que ele a trouxe, já não me lembro de onde, talvez de outro país. Cuidadosamente, arruma o cabelo dela, desamarra o vestido e, quando me entrega, começo a chorar de pura alegria; talvez seja por isso que, daquele dia em diante, tive certeza de que papai era como Deus e poderia consertar qualquer coisa danificada.

Questiono-me: por que não é possível modificar pelo menos alguma coisa, por menor que seja, para que a maior aconteça de outra forma? Por exemplo, que ela não tivesse deixado os objetos pendurados espalhados, que mamãe não tivesse me questionado se os tinha visto, tão insistentemente que acabei acreditando que por tê-los tocado a culpa era minha. Por isso, pedi naquela noite ao Bom Jesus que me dissesse se eu era uma ladra que enganou a mãe e iria para o inferno; abraçando minha boneca, chorei e parece que, naquela noite, despertei gritando que não tinha pegado os brincos e nem nada. Mas Teresa continuou a semear suspeitas e mentiras que percorriam os cômodos como ar nocivo.

Talvez já tenham se passado alguns dias, não sabemos quantos, porque o teatro não é como as histórias que explicam para que as crianças não se confundam: muito tempo

depois. Teresa anda com a boca torcida e o rosto virado para não me olhar, e eu rezo e repito as preces que sei de cor, para que ela não me dirija a palavra. Papai sabe que estou assustada e, para me acalmar, leva-me ao parquinho. Sentamo-nos no banco de sempre e ele me pede para ignorar, diz que se trata de invenção baseada em inveja, aquela palavra que eu ainda não conhecia e não sabia que poderia causar tantos danos.

Então, questiono-me novamente: como posso voltar no tempo para que a minha mão não se aproxime daqueles brincos de pedras vermelhas brilhantes como as do manto da imagem da Virgem, quando foi levada em procissão? Não é possível, porque se assim fosse alteraria o que ocorreu depois e quem sabe quantas outras coisas aconteceriam ao contrário. Talvez papai não tivesse me trazido de presente naquela noite, mesmo não sendo meu aniversário ou Natal, aquele livro de histórias, o mais lindo que já tive. Talvez ele tenha me dado para compartilhar, sem dizer, que confiava em mim e que sabia que eu não era mentirosa tampouco ladra.

Quando me lembro de seu rosto compassivo e sorridente e do livro em minhas mãos, sinto vontade de me levantar do assento para contar aos espectadores quem sou eu, de fitar o presente que papai me deu, porque ele sabe que não sou ladra; mas talvez eu não seja capaz, porque sempre fui tímida; e, mais uma vez, ouço os gritos de Teresa, quando arranca a cortina da janela, e enquanto corre arrastando os